



Horizontes Antropológicos

42 | 2014
Sofrimento e Violência

SAILLANT, Francine; GENEST, Serge (Org.). *Antropologia médica: ancoragens locais, desafios globais*

Alan Camargo Silva e Jaqueline Ferreira



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/horizontes/802>
ISSN: 1806-9983

Editora

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Edição impressa

Data de publicação: 10 Outubro 2014
Paginação: 409-412
ISSN: 0104-7183

Referência eletrónica

Alan Camargo Silva e Jaqueline Ferreira, « SAILLANT, Francine; GENEST, Serge (Org.). *Antropologia médica: ancoragens locais, desafios globais* », *Horizontes Antropológicos* [Online], 42 | 2014, posto online no dia 15 dezembro 2014, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/horizontes/802>

SAILLANT, Francine; GENEST, Serge (Org.). *Antropologia médica: ancoragens locais, desafios globais*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012. 453 p.

*Alan Camargo Silva**

Jaqueline Ferreira

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil

Professores do Departamento de Antropologia da Université Laval, Québec, Canadá, Francine Saillant e Serge Genest organizam esta coletânea reunindo autores renomados que realizam o estado da arte desse campo em seus respectivos países. O livro é dividido em três grandes partes, a saber: 1) Olhares das Américas; 2) Olhares europeus; 3) Perspectivas transversais e temáticas.

Na primeira parte, “Olhares das Américas”, Gilles Bibeau, Janice Graham e Usher Fleising, no capítulo “Biociências e biotecnologias sob vigilância etnográfica: onde se situam os antropólogos médicos canadenses?”, discutem a rica pluralidade teórico-metodológica da antropologia canadense. A ênfase é colocada nas análises sociais, políticas, econômicas e éticas sobre pesquisas relacionadas às biociências e às biotecnologias.

Em “A antropologia da saúde no Québec: por uma combinação das abordagens e dos métodos”, Raymond Massé explora as contribuições da antropologia anglófona para a antropologia quebequense. O autor menciona as potencialidades da singular antropologia desenvolvida no Québec para o cenário global ressaltando as contribuições da mesma à saúde pública.

Paul Farmer e Arachu Castro objetivam discutir “A antropologia médica nos Estados Unidos”. Após traçarem os percursos teórico-metodológicos da antropologia e da saúde pública no país, os autores colocam em relevo a preocupação dos antropólogos americanos com as críticas sobre o pragmatismo da antropologia médica dirigida aos mesmos e do esforço empreendido para superá-lo através da construção de um arcabouço teórico substancial.

* Doutorando em Saúde Coletiva.

Em “Sobre a antropologia médica, e muito mais... O corpo saudável e a identidade brasileira”, Annette Leibling explora a diversidade de temas da antropologia médica brasileira e a sua forte imbricação com as questões de identidade nacional, sem perder de vista as relações com o que é produzido internacionalmente.

O texto “A antropologia médica no México: tendências recentes na pesquisa e no ensino” de Gustavo Nigenda, Maria Duarte-Gómez e Roberto Campos-Navarro aborda o desenvolvimento e a riqueza do campo nesse país em uma perspectiva histórica, mostrando os temas e as instituições representativas mexicanas. Os autores oferecem ainda um panorama acadêmico-profissional do ensino e da formação desse campo no México.

Na segunda seção, concernente aos “Olhares europeus”, Sylvie Faizang, no capítulo “Antropologia médica na França: uma disciplina em boa saúde”, destaca a importância da dinâmica do campo da antropologia da saúde francesa à luz de dados políticos, econômicos, culturais e patológicos específicos. Um exemplo é o lugar da cultura e do político nas questões contemporâneas da imigração massiva de populações de países pobres que vêm preocupando as autoridades nacionais.

Em “Topografias: do folclore à antropologia médica na Espanha”, Josep Cornelles, Enrique Perdiguero e Angel Martínez-Hernández afirmam que as relações entre antropologia e medicina na Espanha estão centradas nos temas relativos ao contexto cultural espanhol. Os autores chamam a atenção para a necessidade de um olhar antropológico comprometido com as questões sociais relativas à diversidade social, cultural e linguística.

“Sofrimento, política, nação: uma cartografia da antropologia médica italiana”, texto de Mariella Pandolfi e Gilles Bibeau, traz a especificidade do campo italiano movido por uma tendência regionalista, arraigado em uma antropologia cultural e na demologia, bem como fundamentado em quadros teóricos de determinadas escolas filosóficas. Os autores ainda debatem sobre a nação e as condições da formação do Estado italiano. Segundo eles, um dos principais desafios atuais dos antropólogos italianos é articular essas perspectivas regionais com as grandes tradições antropológicas internacionais.

Angelika Wolf, Stefen Ecks e Johannes Sommerfeld, no texto “História e desenvolvimento da antropologia médica na Alemanha”, destacam como o campo vem se desenvolvendo historicamente e como os estudos atuais investem no empreendimento etnográfico. De acordo com os autores, mesmo

diante do interesse crescente por temas relativos às novas tecnologias, às práticas de cura e aos rituais religiosos relativos à saúde-doença na antropologia médica alemã, não há nenhum cargo acadêmico dedicado exclusivamente a esse campo.

“Uma fascinação cultural pela medicina: a antropologia médica nos Países baixos”, capítulo de Sjaak van der Geest, versa sobre a representatividade da Holanda em trabalhos vinculados à antropologia e sua forte relação com a medicina. O autor menciona que a perspectiva atual dos Países Baixos é de cada vez mais se voltar ao seu próprio contexto sociocultural, desligando-se, em parte, das influências “estrangeiras”.

Ronald Frankenberg, autor do texto “O passado, o presente e o futuro da antropologia médica na Grã-Betanha”, analisa historicamente a evolução do campo nesse país e suas relações com outros campos disciplinares e departamentos universitários. O autor demonstra a coexistência e as relações do modelo americano dos quatro campos (arqueologia, biologia, cultura e linguística) com a antropologia social britânica.

No texto intitulado “A antropologia entre medicina e sociedade: as interfaces helvéticas da saúde”, Ilario Rossi aborda as práticas antropológicas da saúde da Suíça no plural representadas pela multiplicidade de influências anglo-saxônicas, francófonas, germanófonas, italianófonas e a dinamicidade que as mesmas assumem no país.

A terceira seção, “Perspectivas transversais e temáticas”, oportuniza o conhecimento de diferentes perspectivas antropológicas sobre temas atuais e relevantes para o reconhecimento e legitimidade do campo da antropologia médica. Carole Browner e Carolyn Sargent, com o texto “Dando um gênero à antropologia médica”, oferecem uma análise acerca das relações entre gênero e saúde em programas de pesquisas americanos e canadenses. Trata-se de buscar como se estabeleceu o desenvolvimento político e teórico de pesquisas antropológicas dedicadas ao tema, em especial, à saúde das mulheres, à medicalização dos ciclos de vida da mulher e à importância do ativismo feminista para as pesquisas no campo.

No texto “O sentido da saúde: antropologia das políticas da vida”, Didier Fassin empreende uma reflexão ampla sobre os aspectos políticos relacionados à saúde-doença, desigualdades em saúde, reivindicando uma antropologia das políticas da vida com uma forte vinculação à antropologia médica crítica.

No texto intitulado “Atravessando fronteiras: a antropologia médica na África do Sul e o HIV/Aids”, Eleanor Preston-Whyte pondera sobre a múltipla experiência antropológica no campo médico local. Por meio do caso da epidemia do HIV, o capítulo problematiza questões referentes às relações de gênero, à violência, à medicalização e à regulamentação da sexualidade feminina de acordo com os valores da sociedade sul-africana.

No capítulo conclusivo, intitulado “Antropologia médica: indicações para o futuro”, Margaret Lock traça as perspectivas da antropologia médica no cenário global. A autora destaca o empreendimento etnográfico sobre a questão do corpo como central, que deve ser referenciado contextualmente no mesmo nível que a cultura, sem realizar dicotomias com os aspectos inerentes à natureza. Igualmente realiza uma crítica à preponderância do processo de medicalização e das biotecnologias no contexto contemporâneo da saúde-doença. A autora alerta sobre a complexidade das identidades culturais que são constantemente reconstruídas na pós-modernidade, em que o “outro” não pode ser analisado de modo estático ou imutável. O capítulo ainda traz uma discussão em torno do pluralismo médico, do nacionalismo, da globalização e da transferência de tecnologia, bem como da vida social dos artefatos.

Em suma, a obra organizada por Saillant e Genest mostra como as expressões locais da antropologia médica expõem as potencialidades e os limites do campo segundo as diferentes perspectivas teórico-metodológicas sobre cultura, saúde e doença. Em termos gerais, merecem destaque as excelentes referências bibliográficas em todos os capítulos, proporcionando um aprofundamento dos temas, que iluminam sobremaneira as análises em torno de diferentes marcadores sociais, como as questões de gênero, sexualidade, etnia, classe social, etc.

Antropologia médica: ancoragens locais, desafios globais atinge discussões sobre questões de ordem política, social, econômica e cultural, não se restringindo apenas a um determinado aspecto relativo à tríade cultura-saúde-doença. Recomenda-se a leitura, portanto, aos cientistas sociais que se dedicam aos estudos dos processos saúde-doença e aos atores, profissionais ou não de saúde, engajados nas questões sociais das populações nas quais intervêm. Ademais, pela abrangência e relevância da obra, a leitura dos textos se torna indispensável também para os formuladores de políticas de saúde.